

O RISO COMO DENÚNCIA SOCIAL

Neusa Anklam Stiel*

RESUMO: O humor está presente no dia-a-dia da humanidade, mas nem tudo é objeto de riso. O homem ri do que não é comum e habitual, de situações constrangedoras com as quais não se envolve afetivamente, do que foge dos padrões e das falhas humanas. A incidência do humor em textos que circulam no meio escolar é notável. Assim, o objetivo deste estudo é analisar a ocorrência do riso em obras literárias voltadas para o público juvenil, mais especificamente em crônicas de Luis Fernando Veríssimo. Como fonte teórica, a análise pautou-se, principalmente, nas obras: *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*, de Henri Bergson, e *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, de Mikhail Bakhtin. Para efeitos de análise, foram selecionados quatro textos, a saber: *O nariz*, *Lixo*, *A descoberta*, *Atitude suspeita*.

PALAVRAS-CHAVE: Riso. Crônica. Luís Fernando Veríssimo.

ABSTRACT: The humor is present in the daily life of mankind, but not everything is a laughter subject. The man laughs at what is not usual and habitual, at constraint situations with which he does not engage effectively, at what flees the patterns and at human errors. The incidence of humor in texts that circulate in schools environments is highlighted. Thus, the objective of this study is to analyze the occurrence of laughter in literary works dedicated to a young audience, particularly in chronicles by Luis Fernando Veríssimo. As a theoretical source, the analysis was guided, mostly in the works: *The laughter: essay on the significance of the comic*, by Henri Bergson, and *The popular culture in the Middle Ages and the Renaissance: the text by François Rabelais*, of Mikhail Bakhtin. For analysis purposes, four texts were selected, namely: *The nose*, *Lixk*, *The discovery*, *Suspected attitude*.

KEY-WORDS: Laughter, Chronicle. Luis Fernando Veríssimo.

* Professora do Colégio Estadual Frentino Sackser – Ensino Fundamental e Médio (Marechal Cândido Rondon/PR). Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão do Programa PDE.

INTRODUÇÃO

O riso é uma das primeiras experiências de vida do ser humano e é inerente ao comportamento deste. “Não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano.” (BERGSON, 2007, p. 2). Se o homem ri é de seus atos ou de algo que tenha deixado sua marca. A título de exemplo, se um macaco estiver vestindo terno e gravata é o homem que irá rir dessa situação e não o animal assim vestido. Isso porque se criou uma situação não habitual, ou seja, para o homem é natural vestir terno e gravata, mas se qualquer outro ser assim estiver, acontecerá um rompimento no que se espera, logo, se o não humano provoca riso é porque se atribuiu a este um valor moral próprio do homem. É ele que ri, faz o outro rir ou torna algo risível. Ainda em relação às vestimentas do macaco, não foi este que assim se fez para causar o riso, mas o homem para que seus semelhantes rissem da situação.

O riso facilita a interação, a comunicação, a aprendizagem e propicia estabelecer ligações com o grupo social no qual se está inserido. Ele vai além da gargalhada, da diversão. É também forma de manifestar repúdio contra as opressões, normas, situações, instituições, poder. Ele permite que se digam verdades muitas vezes mais profundas do que de “forma séria”. É estreita a ligação entre riso e crítica. É como se essa quebra da seriedade fosse um proclame à liberdade e servisse como “válvula de escape” para aliviar tensões sociais.

Já na Idade Média o riso estava a serviço da crítica. Bakhtin, na obra, *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, desenvolveu profundo estudo sobre a cultura cômica de caráter popular e folclórica da época medieval. Enfatiza que o riso sempre foi uma das principais formas de expressão da verdade sobre o mundo, a história, a sociedade. Ele diz que “é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo, que percebe de forma diferente, embora não menos importante (talvez mais) do que o sério”. (BAKHTIN, 2000, p.57).

O estudioso russo evidencia como, nessa época, aparece a figura do bufão, que tem a função de trazer à tona a verdade, através do riso. Este diz em voz alta o que muitos apenas pensam. O autor também discorre sobre a carnavalização, quando o mundo às avessas invade a vida cotidiana e é o momento festivo

autorizado, é o espaço da subversão, da gargalhada, da chacota, de poder expressar-se livremente, usando expressões chulas e gestos obscenos. “O carnaval é a segunda vida do povo, baseando-se no princípio do riso. É a vida festiva do povo” (BAKHTIN, 2000, p.7). Destaca-se “o caráter utópico e o valor de concepção do mundo desse riso festivo, dirigido contra toda superioridade” (p.11). Tudo é permitido nestes dias festivos, para depois se retornar à ordem oficial.

Para que o riso ocorra é preciso um contexto cômico: de um lado, alguém ou algo que provoque o riso e, de outro, alguém conhecedor da situação, que se sinta inserido e tocado. O riso é sempre de um grupo. “Para compreender o riso, é preciso colocá-lo em seu ambiente natural, que é a sociedade; é preciso, sobretudo, determinar sua função útil, que é uma função social. O riso deve ter uma significação social” (BERGSON, 2007, p.6).

Outra condição fundamental para que uma situação seja risível é a anulação do sentimento, da compaixão. Para Bergson (2007, p.3), “A indiferença é seu meio natural. O riso não tem maior inimigo que a emoção”. Se há afeição por uma pessoa, para que ocorra o riso será necessário, por alguns instantes, esquecer a afeição, calar a piedade, usar exclusivamente a inteligência e anestesiar momentaneamente o coração. Não se pode levar em conta o estado de alma da pessoa de quem se está rindo. O cômico é insensível e requer unicamente o uso da razão. É preciso isolar a sensibilidade e enfatizar a criticidade.

O RISO NOS TEXTOS

No que diz respeito aos textos que circulam na sociedade, percebe-se que o riso é enfatizado em várias situações: está presente em piadas, charges, crônicas, programas da televisão. Para exemplificar, é possível destacar dois programas de humor da mídia televisiva que têm feito sucesso junto ao público: um da Rede TV – *Pânico* – e outro da Rede Globo – *Casseta e Planeta*. Ambos têm o gênero humorístico como a tônica das apresentações.

No programa *Pânico*, a provocação começa pelo próprio nome: Pânico. A palavra está relacionada ao negativo, ao medo. Contrariando o nome, o programa não é assustador, mas pode provocar pânico se alguém se tornar personagem da

programação deste. Isto porque, muitas vezes, critica e expõe ao ridículo celebridades, autoridades e até mesmo programas de emissoras concorrentes. O mesmo acontece com o programa *Casseta e Planeta* que também busca, através do humor, ironizar pessoas e/ou situações aparentemente sérias. É como se os programas estabelecessem uma ligação entre o mundo das celebridades e o público televisivo em geral (o povo). Acontecem brincadeiras divertidas para quem assiste, mas constrangedoras para quem as protagoniza.

Para explicar esse tipo de programação, pode-se voltar ao conceito de carnavalização dado por Bakhtin, e à sua definição do riso carnavalesco como o que ocorria nas manifestações da cultura popular da Idade Média – que encontra sua valorização no realismo grotesco das formas cômicas populares. O momento de exibição dos programas atuais é similar a tais festejos carnavalescos, ou seja, há um lugar e momento onde tudo é permitido, inclusive desconstruir valores, quebrar padrões. Os programas televisivos invadem a vida dos telespectadores, servindo como uma válvula de escape para as opressões; porém, duram apenas aquele momento da exibição, depois a vida se torna séria outra vez e as pessoas voltam às suas atividades rotineiras de trabalho, estudo, obrigações...

O humor cria momentos de relaxamento e de brincadeira que quebram o ritmo do dia-a-dia, assim como na Idade Média o carnaval era um tempo de festa, do profano, para depois se retornar à seriedade, ao sagrado. Este ritual parece manter-se nos dias de hoje também através das festas de carnaval, que ainda são os momentos de exibição, de brincadeira, relaxamento, de expor a autoridade, de inverter valores, para depois se voltar ao comedimento, à gravidade e sisudez, inclusive marcada com o tempo da Quaresma. É através desses tempos, momentos ou programas de descontração, de possibilidade de fugir momentaneamente dos compromissos, que o homem consegue depois se concentrar no que é sério, difícil e enfrentar as cobranças e opressões sociais. Em todos esses momentos, o riso faz-se presente.

A CRÔNICA ENTRE A LITERATURA E O JORNAL

Socialmente, são muitos os gêneros textuais que fazem uso da comicidade nas suas construções. A fim de delimitar o estudo, o presente artigo objetiva analisar a incidência do humor no gênero crônica, mais especificamente em algumas das crônicas de Luís Fernando Veríssimo, a saber: “*O nariz*”, “*Lixo*”, “*A descoberta*”, “*Atitude suspeita*”. O foco estará voltado para a percepção de como ocorre a relação entre a prática das construções das crônicas selecionadas para análise, e as teorias de Bakhtin e Bergson que versam sobre o riso.

A seleção do gênero crônica justifica-se pelo fato de este ser de caráter reflexivo, polêmico, irônico, engraçado e utilizar temáticas modernas e do cotidiano. Também por proporcionar leitura rápida e empregar a linguagem subjetiva para registrar o posicionamento do autor. Pode-se dizer que apresenta dupla característica: ser literário e tratar de temas ligados ao jornalismo. Do jornal tem a brevidade e a capacidade de informar ao leitor os acontecimentos do dia-a-dia, e da literatura a subjetividade na recriação da realidade.

Para a sala de aula é um gênero atrativo e interessante devido à praticidade, à linguagem simples, à temática próxima da realidade. E o fato de ter características de humor e crítica atrai mais ainda o leitor iniciante em literatura. Graças à simplicidade e praticidade, este gênero literário parece transformar-se em algo íntimo do aluno que o lê, afinal ocorre uma identificação de cenas vivenciadas pelos personagens com situações da vida de cada um. Os temas, embora variados, são recorrentes, repetem o cotidiano, o banal. A crônica procura imitar cenas do dia-a-dia, mas a forma como o cronista escreve – dando um toque de humor, crítica e subjetividade ao tema abordado – torna a produção inusitada e atrativa. O cronista, com seu olhar diferenciado sobre determinada realidade e com talento, capta as falhas humanas para recriá-las com arte e humor.

CATEGORIAS DA COMICIDADE

Para entender como funcionam os mecanismos do riso, pode-se recorrer ao filósofo francês Bergson que aponta as seguintes categorias de comicidade: das formas, dos movimentos, da situação, das palavras, de caráter. Nestas diversas categorias, evidencia-se uma característica básica que é a rigidez ao invés da

elasticidade. E, segundo o autor, “essa rigidez é a comicidade, e o riso é o seu castigo” (2007, p.15).

Bergson diz que o riso é resultado da visão da vida como puro mecanismo. Quando o mecânico interfere no vivo ocorre a comicidade. “O que há de risível [...] é certa rigidez mecânica quando seria de se esperar a maleabilidade atenta e a flexibilidade vívida de uma pessoa.” (BERGSON, 2007, p.8).

Ainda em conformidade com o filósofo francês, o cômico das formas é resultado da presença da rigidez adquirida por uma fisionomia e “pode tornar-se cômica toda deformidade que uma pessoa bem-feita consiga imitar” (2007, p. 17). O cômico dos movimentos origina-se nas atitudes, gestos ou movimentos humanos mecânicos e de caráter repetitivo. Ocorre comicidade quando há o aspecto “mecânico sobreposto ao vivo” (p.28) e “é cômico todo incidente que chame nossa atenção para o físico de uma pessoa quando o que está em questão é o moral” (p. 38). Bergson acrescenta que o riso também é provocado quando uma pessoa nos dá a impressão de coisa. O autor menciona, ainda, que o cômico da situação é resultado da repetição insistente de determinado acontecimento ou da inversão de papéis das personagens perante certa situação e que “é cômica toda combinação de atos e de acontecimentos que nos dê, inseridas uma na outra, a ilusão de vida e a sensação nítida de arranjo mecânico” (p. 51).

Ainda de acordo com Bergson, para entender a comicidade de palavras é preciso distinguir a “comicidade que a linguagem exprime da comicidade que a linguagem cria” (p.76). Ocorre a comicidade de palavras quando a própria linguagem, através da seleção lexical e da organização frasal, tem força cômica independente. Para definir a comicidade de caráter, o autor diz que é preciso perceber que “o riso tem significado e alcance sociais, [] que a comicidade exprime acima de tudo certa inadaptação particular da pessoa à sociedade, de que não há comicidade fora do homem, é o homem, é o caráter que visamos em primeiro lugar” (p. 100).

E como o riso é um fenômeno social, sua tarefa, segundo Bergson, é de corrigir as falhas humanas de quem não se adapta às exigências sociais. Considerando-se que toda sociedade possui suas regras de convivência e cabe ao homem adaptar-se a estas, se ocorrer, por parte de alguém, um enrijecimento para a vida social, essa pessoa pode tornar-se objeto de riso. Assim, o riso é uma espécie de trote social.

Segundo esta concepção, e contrariamente ao que diz Bakhtin, o riso tem um caráter educativo e até mesmo repressor o que, para muitos, é visto como um aspecto negativo da teoria de Bergson, pois o riso estaria a serviço da normatização, da regulamentação da vida das pessoas, levando-as a se adaptarem às regras sociais para não serem vitimadas pelo ridículo.

PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA COMICIDADE

Bergson (2007) menciona três processos de criação da comicidade através da mecanização da vida: repetição, inversão e interferência de séries.

O processo de repetição acontece quando o mesmo fato se repete em diferentes momentos ou situações. Essa repetição pode ocorrer também no campo da lingüística, no uso insistente das mesmas palavras ou frases. A repetição torna-se cômica quando demonstra a mecanização ligada ao comportamento e às ações do ser humano, quando este parece marionete comandada pela situação em que se encontra.

O processo de inversão ocorre quando o que se previa não acontece, ocorrendo, muitas vezes, o contrário. Quando as mudanças são inesperadas, o humor se forma. “Muitas vezes nos é apresentada uma personagem que prepara a rede na qual ela mesma acaba caindo.” (BERGSON, 2007, p.70)

O processo de interferência das séries se caracteriza como uma confusão de situações que se tornam cômicas. O humor é gerado quando há a possibilidade de haver duplicidade de sentido, quando uma única situação pode ser interpretada de duas formas. No campo lingüístico também é possível essa dupla interpretação, através do uso de palavras ou frases ambíguas.

Na obra *Literatura infantil: gostosuras e bobices*, Fanny Abramovich (1995) sugere que o humor pode surgir de várias formas na literatura infantil: a) através de uma idéia engraçada; b) ironizado no tédio e no aborrecimento; c) mostrado no mau humor e na irritação; d) marcado pelas queixas, lamúrias e lamentações; e) enfatizado na incompetência adulta; f) no saudável deboche às instituições; g) nos sustos e nos espantos.

O HUMOR NAS CRÔNICAS DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

No estudo das crônicas selecionadas, o direcionamento será para a análise do humor em consonância com as teorias acima mencionadas.

Na crônica “O Nariz”, Luis Fernando Veríssimo retrata uma situação constrangedora vivida por um respeitado dentista. O texto começa caracterizando o personagem: “Era um dentista, respeitadíssimo. Com seus quarenta e poucos anos, uma filha quase na faculdade. Um homem sério, sóbrio, sem opiniões surpreendentes, mas uma sólida reputação como profissional e cidadão.” (VERÍSSIMO, 2007,p.88). Esta caracterização inicial mostra um sujeito inquestionável quanto ao caráter, para a sociedade é um indivíduo exemplar. Essa descrição é fundamental para justificar a transformação, tanto do personagem, como do conceito que a sociedade faz dele.

Na continuidade da narração, o dentista aparece certo dia, em casa, com um nariz postiço de borracha. Este elemento causa estranhamento, mas a princípio a família vê o fato como uma brincadeira. E como se está no âmbito da família, espaço no qual há envolvimento afetivo, a situação não se torna engraçada, mas incomoda, ocorre um desajuste. Contudo, esta situação extrapola a esfera do lar. O dentista sai de casa e aparece na sociedade, no trabalho, com o nariz postiço. A mesma surpresa provocada na sua casa é sentida fora desta, porém agora a ausência de afetividade começa a expô-lo. O que provoca duas situações: uma de riso, pois afinal ele está com algo não habitual, tradicionalmente ligado à figura de um palhaço, e outra de repúdio, pois o fato de usar um nariz postiço pode denotar loucura.

O que ocorre nesta situação pode ser classificado, de acordo com os ensinamentos de Bergson (2007), como o cômico da forma e atitude. O personagem constrói propositadamente um disfarce, tornando o físico cômico. A atenção que antes era voltada para uma pessoa bem conceituada passou para um único elemento que é a fantasia do nariz. Pode-se constatar, neste caso, que “É cômico todo incidente que chame a nossa atenção para o físico de uma pessoa quando o que está em questão é o moral”. (BERGSON, 2007, p.38)

As pessoas, de maneira geral, diante de uma situação que causa estranhamento, tendem a reagir ora com o riso, ora com repúdio. Contudo, se houver envolvimento afetivo, a tendência é que o riso não ocorra e sim o sentimento de compaixão. No caso da crônica em questão, ocorre o afastamento das pessoas. O comportamento do personagem, que teima em agir de maneira não habitual, não

suscita a compaixão e acaba levando-o a ser motivo de chacota e de repúdio. Se o dentista continuasse agindo da maneira habitual, continuaria a ser respeitado como profissional e como pai de família, pois o que é rotineiro não provoca estranhamento, nem é risível. Mas com o fato de ter acrescentado um elemento artificial à sua fisionomia, a situação se inverteu. Nesta crônica, o elemento artificial é representado pelo nariz de borracha, que se torna ainda mais estranho, pois está no rosto de alguém considerado sério. A fantasia que o dentista utilizou como forma de chamar a atenção criou uma situação cômica e ao mesmo tempo constrangedora para o personagem e para a sua família.

Na crônica, quando o personagem passa a ser julgado, ele insiste em manter o nariz postiço e quanto mais persiste nisso, mais as pessoas vão desacreditando nele. A atenção toda se volta para o nariz, como se apenas o que interessasse é a forma e não quem está por detrás desta. O protagonista da narrativa passa a ser o nariz, o que, de acordo com Bergson, pode ser visto como “a transfiguração momentânea de uma pessoa em coisa” (2007, p.42).

A partir do momento em que o dentista passa a atender com o nariz postiço, perde sua credibilidade e os pacientes se afastam. Assim, todos passam a julgá-lo como louco, portanto não confiável. “Uma carreira brilhante, uma reputação, um nome, uma família perfeita, tudo trocado por um nariz postiço.” (VERÍSSIMO, 2007, p. 89.)

O personagem parece querer enfrentar a todos. É como se quisesse mostrar que seu disfarce vai desmascarar uma sociedade preconceituosa, que não aceita o diferente, ou seja, não interessa quem a pessoa é, mas o que ela veste; qual sua forma e não sua essência. A reputação construída ao longo do tempo se desfaz devido a um detalhe físico. Isto demonstra que a sociedade aceita, ou impõe, o padrão. O que foge deste pode tornar-se objeto de riso e de crítica. E, segundo Bergson (2007, p.31), “um homem que se fantasia é cômico”. Um dentista sério que coloca um nariz de palhaço, transforma-se em palhaço, faz com que as pessoas riam dele.

Voltando à narrativa da crônica, após todos o terem abandonado, o protagonista procura um psiquiatra. Este tenta convencê-lo de que seu comportamento é estranho, e que é normal o riso e o afastamento das pessoas. Mas o que acontece na seqüência é que o dentista posiciona-se em defesa própria. Ele conclui que as pessoas só o admiravam e desejam sua companhia devido à

aparência. De analisado passa a analista dos disfarces sociais. O narrador chama o leitor para que compartilhe com o protagonista o seu posicionamento: “O que você acha leitor? Ele tem razão? Seja como for, não se entregou. Continua a usar nariz postiço. Porque agora não é mais uma questão de nariz. Agora é uma questão de princípios.” (VERÍSSIMO, 2007, p.92).

A crônica foi construída de uma forma bem humorada, procurando usar linguagem simples, pontuação expressiva (uso acentuado de interrogações e reticências), e presença marcante do diálogo entre os personagens. A pontuação acentua as dúvidas, as incertezas, as surpresas, tanto do protagonista como de quem com ele convive.

O fato relatado foge do habitual, sem deixar de trazer à tona e analisar uma faceta da vida social, que é a substituição da essência pela aparência. O leitor sente-se envolvido na situação descrita, ora percebendo o humor, ora a crítica latente. O que comprova que o riso relacionado à linguagem vai além da simples liberação de tensões. A apresentação de um nariz postiço e a presença deste no rosto de um conceituado dentista gera uma situação cômica.

Luis Fernando Veríssimo criou uma situação próxima do absurdo para fazer o leitor pensar numa questão maior, que é aceitação do outro, a convivência social. Inverteu papéis: quem antes era conceituado e sério, perdeu a credibilidade e passou a ser motivo de chacota. Também com isso demonstrou que o físico pode sobrepor a alma.

Em outra crônica, denominada “*Atitude suspeita*”, a narrativa se constrói a partir de uma situação em que policiais prendem um indivíduo. Este é acusado de estar em atitude suspeita. Todo o enredo gira em torno das palavras: atitude suspeita. Esta escolha lexical é expressiva para a construção de sentido do texto.

O narrador inicia opinando sobre o fato que descreverá: “Sempre me intrigou a notícia de que alguém foi preso em atitude suspeita” (VERÍSSIMO, 1999, p.70). Ele se posiciona frente ao uso de uma expressão habitual entre policiais. Expressão esta utilizada quando não há um motivo comprovável que justifique uma prisão. É provável que o autor tenha feito essa seleção lexical com a intenção de pôr em discussão a própria conduta da polícia em relação a seus atos. Ao mesmo tempo, a expressão sugere que, na sociedade atual, qualquer indivíduo, a qualquer momento, pode estar cometendo um ato ilícito, logo, em atitude suspeita e que não se consegue distinguir quem tem boas intenções de quem está prestes a agir de má fé.

Voltando à narrativa, logo que o sujeito é preso e encaminhado à delegacia, passa a ser interrogado pelo delegado. Na seqüência, começa um embate, na presença do delegado, entre os policiais que acusam o preso e este que procura defender-se alegando inocência. Contudo, quanto mais ele se defende, mais se enreda e faz-se vítima de suas próprias argumentações, tornando-se cada vez mais suspeito.

O humor vai se construindo a partir da situação constrangedora em que se encontra o protagonista. Ele se vê em uma emboscada. Se ele se defender, será acusado de legislar em causa própria. Se ele se declarar culpado, será julgado por tentativa de enganar o delegado, pois na crônica este mesmo assim declara: “Nenhum inocente se declara culpado, mas todo culpado se declara inocente”. (VERÍSSIMO, 1999, p.71).

No desenrolar da história, não há nada que prove que o sujeito preso seja culpado de algo. O texto diz que ele esperava um ônibus e, ao querer entrar no veículo que, segundo ele, o conduziria para casa, foi detido pelos policiais. Estes alegam que o sujeito fingia esperar ônibus e quando percebeu a presença dos policiais tentou embarcar no primeiro que apareceu. Neste momento, a crônica mostra que quem tem o poder e a força domina, e a quem não a tem resta obedecer. Outra vez de forma bem humorada, o autor apresenta sua crítica contra o sistema. Pode-se entender que ele valeu-se do riso para fazer uma denúncia social. Assim deixou evidente que o riso “é um ponto de vista particular e universal sobre o mundo, que percebe de forma diferente, embora não menos importante do que o sério”, as verdades. (BAKHTIN, 2000, p.57)

A narrativa transcorre com um jogo de acusações e defesas. O delegado continua a interrogar o acusado que tenta se defender, mas a cada defesa vem outra acusação. Bergson, em seus estudos sobre o riso, diz que o humor pode se construir a partir da imagem de “uma mola que se estica e comprime” (2007, p.52) num ato mecânico de repetição. E se essa repetição passa a ser de cunho moral, pode ser caracterizada como “uma idéia que se reprime, e que se exprime de novo, um jato de palavras lançadas, interceptadas e sempre relançadas” (p.52). O que acontece na crônica em análise é exatamente essa concepção da mola, pois ocorre um jogo de palavras, ora pronunciadas pelo delegado, ora pelos policiais, ora pelo sujeito preso, mas todos insistem em seu ponto de vista, dando a impressão que

nada se tem a acrescentar. O mecanismo de repetição é montado pela idéia fixa dos personagens.

Na seqüência da narrativa, o suspeito, de tanta pressão e vendo-se metido em uma armadilha, arma uma estratégia visando reverter a situação a seu favor. Outra vez o autor retoma uma característica de quem convive numa sociedade em que todos estão sob suspeita: “o jeitinho brasileiro”, quando vence o mais esperto. Fica evidente que, contra a autoridade, o poder de mando e até mesmo a injustiça, às vezes é preciso usar da esperteza, o jeito criativo para livrar-se de uma situação complicada. A reversão da situação ocorre quando o acusado passa a concordar com a idéia exposta pelos policiais ao delegado de que ele realmente tentara fugir: “Foi isso mesmo! Tentei fugir deles” (VERÍSSIMO, 1999, p.72). Ele muda de opinião como parte da estratégia de sua defesa. O suspeito passa a fazer o jogo dos policiais que o prenderam, dizendo que tentou fugir deles, pois julgou que estes é que estavam em atitude suspeita e fingiam esperar o ônibus só para vigiá-lo. De acusado passou a acusador, com certeza para criar uma confusão mental no delegado.

Outra vez retoma-se a idéia de crítica ao sistema. Através do riso é exposta uma situação do cotidiano. A confusão estabelecida retrata a possível falta de preparo, a insegurança de quem é responsável por garantir a segurança da sociedade.

Na sequência, na crônica relata-se que o delegado aceita a argumentação do acusado liberando-o e quem passa a réu são os policiais. A soltura ocorreu devido ao medo do julgamento que a sociedade poderia vir a fazer contra a polícia e não por que faltaram provas para manter o acusado preso.

Os policiais, por sua vez, repassam as acusações para o delegado: “Delegado, com todo respeito, achamos que esta atitude, mandando soltar um suspeito que confessou estar em atitude suspeita é um pouco.../ – um pouco? Um pouco?/ – Suspeita.” (VERÍSSIMO, 1999, p.73)

Nesta situação entra em cena o que Bergson caracteriza como a inversão de papéis. Quem deveria ser autoridade passa a ser julgado. Quem era acusado e deveria ser preso e investigado é solto, pois soube criar sua defesa e transferir a acusação a quem o acusara. Essa inversão de papéis gera uma situação constrangedora que se volta contra quem a criou e torna-se engraçada por si mesma.

Além do uso do exagero para apresentar uma situação rotineira, o autor valeu-se do recurso de trazer as informações de forma implícita, inclusive com a utilização da supressão de informações, o que contribui para caracterizar o humor. Isto ocorre no fragmento supracitado, na fala dos policiais. Estes interrompem o que iriam dizer e o autor utiliza as reticências para deixar em suspense a informação seguinte. Este suspense pode ter sido utilizado como uma estratégia narrativa para que o leitor tenha tempo de pensar no que as reticências podem sugerir e para construir um final surpreendente e engraçado. Ao leitor cabe interpretar as reticências. Por outro lado, pode também estar sugerindo que os policiais não tiveram coragem de fazer a acusação ao delegado de forma direta. Este fato evidencia outra problemática envolvendo os policiais, que é o medo de desacatar um superior. Outro exemplo ocorre quando o delegado pronuncia-se a respeito do sujeito preso: “- Ah, é um daqueles, é?”. O uso da frase com o pronome *daqueles* deixa implícita a idéia de que se trata de um caso rotineiro, comum à realidade do trabalho de um policial.

Quanto à seleção lexical, chamam atenção os vocábulos que fazem parte da rotina de um policial, dentre eles cita-se: “cidadão”, “atitude suspeita”, “inocente”, “culpado”, “suspeita”, “cara-de-pau”, “agentes da lei”, “confissão”. O autor, ao fazer tal escolha, teve o cuidado de selecionar palavras que tornaram eficiente a comunicação, bem como contribuíram para provocar o riso.

Ao longo da crônica, o autor mostra que, muitas vezes, quem exerce o poder se sente protegido e abusa disso para intimidar quem não detém a mesma força. A angústia vivida pelo protagonista se transforma em sátira, desvendando as fraquezas humanas, demonstrando o ridículo da rigidez e a fragilidade de uma organização. Desta forma, a crônica apresenta um assunto polêmico, uma preocupação social, em tom de galhofa, descontração. Isto se deu de forma aparentemente despreziosa e tocou em um tema delicado, que, se fosse tratado em tom “sério”, poderia provocar a ira em quem se sente atingido.

Já na crônica “*O Lixo*”, Luis Fernando Veríssimo apresenta uma situação rotineira ligada ao fato de que todos os seres humanos são produtores de lixo e precisam se desfazer deste. O lixo é produzido na intimidade de uma casa, mas a partir do momento que é levado à rua para ser descartado fica exposto ao público. O que antes era particular deixa de sê-lo e passa a ser de domínio público, logo sem

dono específico e passível de observação, análise. O riso nasce da ruptura de expectativas.

A narrativa da crônica inicia-se com um rapaz e uma moça que se encontram na área de serviço de um edifício e cada um porta um pacote com lixo, de produção própria, que será depositado em um local onde todos os lixos se misturam para depois serem recolhidos. Ambos encontram-se e cumprimentam-se formalmente com um “Bom dia”.

Antes do diálogo inicial dos cumprimentos, o narrador apresenta a situação e os personagens que protagonizarão a narrativa. Mas a presença do narrador apenas ocorre nas primeiras linhas do texto: “Encontram-se na área de serviço. Cada um com seu pacote de lixo. É a primeira vez que se falam.” (VERÍSSIMO, 2004, p.87). No restante da crônica ocorre o diálogo entre os personagens e não há mais nenhuma participação do narrador.

Esta escolha na forma de encaminhar a narrativa parece ser proposital e vem insinuar que a presença do narrador serve apenas para apresentar a situação e os personagens ao leitor (uma espécie de rubrica, própria do texto teatral) e também para estabelecer elo entre os próprios personagens e assim “quebrar” a formalidade entre estes. Feita a apresentação, o narrador se afasta e deixa o casal dialogar como que permitindo a intimidade entre ambos e dando-lhes a oportunidade de se conhecerem.

A situação inicial, tanto relacionada ao descarte do lixo como ao encontro do casal na área de serviço, nada tem de novo. A quebra da expectativa ocorre a partir do momento em que o casal, após o tratamento formal, distante, começa cada um a revelar que observara o lixo do outro em ocasiões anteriores. Aos poucos, na medida em que os diálogos vão transcorrendo, vai se desfazendo a idéia de que o casal não se conhecia anteriormente, e revela-se justamente o contrário, ou seja, ambos já conheciam muito da vida um do outro, pois faziam a análise recíproca do lixo depositado na área de serviço. Com a revelação desse fato, a relação entre eles começa a tomar rumo de intimidade.

Para que uma crônica tenha razão de existir, é preciso que o seu criador perceba nos fatos cotidianos algo que mereça ser mencionado. Muitos são os fatos que podem tornar-se motivo para uma narrativa, mas é preciso que quem se dispõe a escrever tenha um olhar observador para um detalhe da vida que, no geral, as pessoas não percebem. Luis Fernando Veríssimo produziu a crônica em questão a

partir de um fato rotineiro, tornou-o inusitado quando acrescentou a ele algo novo, ou seja, por detrás da coleta do lixo percebeu que se escondia um possível relacionamento amoroso e que o lixo pode ser uma fonte rica de informações. O riso nasce da ruptura de expectativas. Quando se esperava que o encontro entre o casal fosse um fato rotineiro e que até poderia surgir um clima romântico entre ambos, apresenta-se uma inesperada situação: os protagonistas revelam mutuamente que haviam examinado o lixo um do outro.

Na seqüência narrativa, os personagens vão revelando informações coletadas através da análise do conteúdo do lixo. Este passou a ser visto como a fonte de informações e de análise da intimidade dos personagens. Os fatos vão se apresentando de forma bem humorada, o que Bergson caracteriza como cômico da situação, ou seja, uma situação se torna cômica a partir do momento em que o enredo traz um acontecimento que intriga. O simples fato de desfazer-se do lixo é algo sem motivo para construir uma crônica, mas o fato do lixo ter servido como fonte de informação sobre o estilo de vida dos personagens tornou-se inusitado, portanto merecedor de atenção.

O humor vai se construindo pela situação, ao mesmo tempo constringedora, surpreendente e fascinante em que os personagens se envolvem. O próprio leitor acaba enredando-se, pois se torna cúmplice da trama romântica, do envolvimento afetivo que vai se formando. Assim, também é levado a perceber as verdades que vão sendo reveladas de forma indireta e subjetiva, ou seja, vai sendo levado a pensar sobre o lixo que todos os seres humanos produzem, e que, o seu lixo, quando exposto ao público, assim como o lixo dos protagonistas, pode estar sujeito à análise por qualquer outra pessoa.

O lixo serviu como pano de fundo para promover o encontro de um casal. É provável que cada um dos protagonistas tenha começado a analisar o lixo do outro porque anteriormente tinham se visto e houve interesse mútuo, bem como sentiu-se necessidade de aproximação físico-afetiva.

De volta à análise da narrativa, percebe-se que cada novo diálogo revela uma nova informação e o interesse de um personagem pelo outro. É o que acontece quando o rapaz demonstra conhecer a origem da família da moça: “– A senhora... Você não tem família?/ – Tenho, mas não aqui./ – No Espírito Santo./ – Como você sabe? – Vejo uns envelopes no seu lixo. Do espírito Santo” (VERÍSSIMO, 2004, p. 88). A partir desta informação, muitas outras da intimidade de cada um, vão se

revelando. E, a cada nova descoberta, uma surpresa e os laços da intimidade vão se firmando. Cada um dos personagens demonstra, aos poucos, conhecer o outro e ambos vão relatando o que já observaram no lixo. As informações são de cunho familiar, de casos amorosos desfeitos, conhecimentos de hábitos, vícios, tristezas e alegrias vivenciadas por cada um. Especialmente no campo amoroso fica evidente o interesse pelo parceiro e por isso há maior troca de informações. É o que se pode perceber através da seguinte pergunta feita pelo rapaz: “– Você brigou com o namorado?” (p.89) e depois com o comentário da moça: “Mas há alguns dias tinha uma fotografia de mulher no seu lixo. Até bonitinha.” (p. 89)

O humor ocorre pela escolha da temática e a maneira de se encaminhar a narrativa. A seleção lexical e frasal também vem auxiliar a construção textual e acentuar a presença do humor. Para combinar com a falta de intimidade inicial, as palavras e expressões acompanham a formalidade: “bom dia”, “senhor”, “senhora”. Também as frases revelam a formalidade entre os personagens: “Desculpe minha indiscrição./Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente”. À medida em que o diálogo transcorre, esta frieza do encontro inicial vai se alterando e a linguagem empregada para construir o texto também vai ficando mais livre. O pronome de tratamento passa a ser você ao invés de senhor e senhora. Acompanhando o clima de liberdade que começa a existir entre os protagonistas, as frases são menos complexas, no conteúdo e na construção: “Sinto muito”, “Isso é incrível”, “Pois é...” “Como é que você sabe?” Inclusive muitas destas passam a ter menos palavras e as informações ficam implícitas, como se entre ambos já houvesse maior conhecimento e poucas palavras bastassem: “Ah!/Namorada?/Não./É./Trabalho nenhum.” Também o fato de deixar as informações em suspense tem a finalidade de permitir um jogo de adivinhações entre os personagens. Inicia-se uma informação para que o outro deduza a intenção e complete a idéia. É o que se percebe nos diálogos: “– Ontem, no seu lixo.../ – O quê? / – Me enganei, ou eram cascas de camarão?”; “ – Quem sabe a gente pode.../ – Jantar juntos”? (VERÍSSIMO, 2004, p.90)

A narrativa encerra com os personagens combinando um jantar que será preparado, pelo casal, na intimidade da casa da moça. A expectativa criada quanto ao clima de romance se confirma. O final é surpreendente e relacionado à temática em discussão, pois o texto acaba com o seguinte diálogo: “– Vai sujar a cozinha?/ – Nada. Num instante se limpa tudo e põe os restos fora./ – No seu lixo ou no meu?”

(p. 90). Este questionamento surpreende o leitor que ri da criatividade com que ocorre o desfecho da narrativa e do relacionamento entre os personagens. O narrador não mais interfere, permitindo que o leitor levante suas hipóteses sobre o destino do lixo proveniente do encontro do casal.

A crônica “*A descoberta*” retrata as esperanças que um pai deposita no filho. Estas são contrárias ao que se espera de um pai. A narrativa inicia com o pai que aparece de surpresa no apartamento do filho, após diversos anos enviando dinheiro para sustentá-lo. O filho sempre mantivera contato com o pai, via carta, para pedir dinheiro. Sempre dizia que o motivo de precisar de auxílio financeiro era para custear festas por ele promovidas, noitadas cheias de bebidas e mulheres. O pai chega ao apartamento, orgulhoso de ter um filho festeiro e mulherengo que ele mantinha financeiramente. Contudo, na chegada ao apartamento se decepciona ao perceber que o apartamento era organizado, cheio de livros e que a empregada era uma senhora idosa. No desenrolar do diálogo, o filho confessa nunca ter havido mulheres, orgias sexuais regadas a bebidas e que o dinheiro que o pai sempre lhe enviara custeava os seus estudos na faculdade e materiais que ele utilizava para pesquisa.

Normalmente, quando um pai mantém um filho fora de casa, dando-lhe auxílio financeiro, o que este espera é que seu filho invista nos estudos e em conseguir um trabalho dignificante. Contudo, experiências da vida revelam casos em que o pai depositou a confiança no filho, julgando que este estava investindo o dinheiro em estudos, mas, sem que o pai perceba, o filho desiste da faculdade e passa a gastar com festas. Este desfecho seria uma possibilidade esperada para a situação descrita. Contudo, na crônica “*A descoberta*”, esta expectativa é quebrada.

Assim, o humor desta crônica se organiza a partir de uma inversão de valores, da inversão de papéis dos personagens (quebra de expectativa) e do imprevisto. O ser humano ri “daquilo que se classifica sob a rubrica do mundo às avessas.” (BERGSON, 2007, p.69).

Quando o pai chega ao apartamento, sente-se surpreso e decepcionado, pois criara a expectativa de encontrar um apartamento desorganizado e com ar de um local preparado para festa. “– Pois até parece que esperava. Este apartamento bem arrumado, livros por toda parte... Eu pensei que fosse entrar aqui tropeçando em mulheres.” (VERÍSSIMO, 2004, p. 222)

Luiz Fernando Veríssimo, ao abordar o tema do pai que mantém um filho financeiramente, passa a ter um olhar diferenciado sobre uma situação trivial, rotineira. Esta quebra de expectativa provoca a inversão nos valores pregados na sociedade. Ocorre o processo de desvio da ordem habitual e a falta de lógica no transcorrer da situação, pois, do pai, se espera seriedade, compromisso, rigidez, cobrança do investimento financeiro, preocupação com o encaminhamento nos estudos do filho e de uma vida séria, mas ocorre justamente o contrário. Esta expectativa não se confirma no modo de pensar e agir do pai, mas do filho. Deste sim seriam aceitáveis os desvios de conduta, como por exemplo, ao invés de estar estudando, desperdiçar tempo e o dinheiro de seu pai.

O comportamento dos protagonistas foge do habitual. Em toda a narrativa prevalece essa confusão entre os papéis estabelecidos socialmente e os descritos na crônica. E este desajuste provoca o humor. Tal comportamento ilustra o que Bakhtin (2000) afirma sobre a carnavalização, quando o mundo às avessas invade a vida cotidiana e há o desvio da ordem natural.

Nesta crônica, ocorre a comicidade de caráter, o que confirma as palavras de Bérqson (2007), segundo o qual o riso só tem significado porque a situação vivenciada é comum para os que convivem em uma sociedade, e só existe comicidade no homem e especialmente ligada ao seu caráter. No caso do caráter evidenciado na narrativa, não é imoral, pois o filho não está se expondo a uma situação que possa comprometer a sua integridade, pelo contrário. Mas há uma inadaptação aos costumes da sociedade, por isso causa estranheza. E o riso advém justamente do fato de que pai e filho agem em completa discordância aos padrões convencionais.

A situação descrita não provocaria o riso se fosse vista pelo lado da emoção. É provável que, para quem vive tal situação (o pai que manda dinheiro pensando que o filho o gasta com estudos), o desconforto deve ficar no lugar do riso. Mas quando descrito na crônica é ausente de emoção. A situação é vista pelo olhar de um observador dos costumes sociais que, através de sua sensibilidade e senso de observação, relata um fato corriqueiro transformando-o em inusitado. O que ocorre é o relato de um caso de inversão do senso comum.

CONCLUSÃO

Através do estudo desenvolvido, é possível concluir que o riso como manifestação própria e exclusiva do ser humano aparece em variadas situações e momentos do convívio social, vai além da gargalhada e pode servir, inclusive, de instrumento de denúncia. E, neste mundo de injustiças e dificuldades, rir é uma forma de compensação.

O homem adora rir, por isso o humor está presente nos textos que se apresentam na sociedade. E a literatura, especialmente a crônica, não poderia deixar de contemplá-lo como recurso literário. É o que faz Luis Fernando Veríssimo ao produzir suas crônicas que são, ao mesmo tempo, de caráter reflexivo e lúdico, informativo e literário. Embora retrate situações corriqueiras, a forma como estas são descritas tornam-se inusitadas e encantam o leitor.

O que se constatou, nas crônicas estudadas, é que elas levam a uma reflexão bastante séria, apesar do tom humorístico e irônico, a respeito do modo como os homens enfrentam as situações do dia-a-dia. O autor compõe um variado quadro da sociedade brasileira atual, ao mostrar, através de uma linguagem carregada de ironia, e até mesmo do humor mordaz, os desencontros que os seres humanos vivenciam, nas mais variadas situações.

Assim sendo, não há como o gênero em questão ser temporário, sem aprofundamento ou como muitos o consideram: gênero menor. Exatamente porque os temas abordados retratam vivências humanas, que podem se apresentar atualmente com enfoque diferenciado, mas que são inerentes ao ser humano, em qualquer época e lugar.

Levar crônicas para a sala de aula é um recurso que ajuda a enfrentar um dos desafios vivenciados pela escola, que é o de fazer com que o aluno aprenda a ler e a gostar de fazê-lo a ponto de se tornar um leitor que, sozinho, busque novas leituras. Ao se oferecer crônicas aos alunos, especialmente as de Luis Fernando Veríssimo, possibilita-se que estes fiquem à frente de uma escrita que, ao mesmo tempo, traz as características do texto jornalístico e do literário. A informação chega de forma subjetiva, pelo viés de percepção da realidade presenciada e reescrita pelo autor. Este gênero textual é de fácil compreensão, a linguagem é acessível e os temas provocam identificação com situações cotidianas. Além disso, o humor aguça o gosto pela leitura do gênero em questão, aproximando o leitor do texto literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. *A Grande Mulher Nua*. 2. ed. São Paulo: Circulo do Livro, 1999.

_____. *O Melhor das Comédias da vida privada*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

_____. *O nariz e outras crônicas*. 12.ed. São Paulo: Ática, 2007.